

Ditongos derivados: um adendo

Leda Bisol, (PUCRS, CNPq)

Em artigo precedente (1994), fez-se a distinção entre ditongos verdadeiros que correspondem a duas vogais na subjacência, como *reitor* e *pauta* e falsos ditongos que, correspondendo a uma só vogal, emergem na superfície com a contraparte sem glide, como em *caixa ~caxa*, *beijo~bejo*. Naquele texto, descrevemos o ditongo diante de consoante palatal; nesse, diante de tepe.

“Em termos gerais, a frequência de monotongação de ej é maior do que a do ditongo [aj] (diante de palatal) e menor do que o ditongo [ow]. Entretanto, levando-se em conta apenas os casos em que o ditongo é seguido por *flap*, a frequência do monotongo sobe a 98%, e, na análise probabilística , o input atinge o valor 1,00. Isso pode ser tomado como um indício de que a monotongação de ej seguido por flap é uma mudança praticamente consumada. (Cabreira, 1996:111).”

1 O ditongo flutuante diante de tepe

1.1 A natureza das líquidas

As líquidas /r,l, j,w / são classificadas como aproximantes, isto é, sons produzidos sem turbulência pela aproximação dos articuladores com/sem leve contato. Cobrem as laterais, os glides e os vários tipos de r (Ladegofed 1975).

(1) Escala de sonoridade

Obstruintes	Nasais	Líquidas	Vogais	
+	+	+	+	silábico
-	-	-	+	vocóide
-	-	+	+	aproximante
-	+	+	+	soante
1	2	3	4	

Além de serem aproximantes, as líquidas /r,l/ formam com as vogais a classe que possui o traço vocálico, de acordo com foneticistas e fonólogos. Van Coetsem, (1976), apud Clements(1994), vale-se deste traço para estabelecer a escala de sonoridade:

(2) Escala de sonoridade

Obstruintes	Nasais	Líquidas	Glides	Vogais	
-	-	-	-	+	sílábico
-	-	-	+	+	vocóide
-	-	+	-	+	vocálico
-	+	+	+	+	soante
0	1	2	2	4	

Quilis (1981, p. 276) afirma que as líquidas têm certos formantes que as aproximam das vogais: *“Las líquidas laterales se caracterizam por su continuidad, lo que dá origen a que em sus espectros aparezcan ciertos formantes análogos a los vocálicos.”*

E com referência ao tepe, ou seja, vibrante simples, afirma (p.292) que o formante 2 desta consoante é quase uma continuação da vogal /a/, tomando como exemplo o sonograma da palavra Paris.

Jakobson, Fant e Halle (1970: 19) afirmam que a estrutura formântica das líquidas, sons de -l e sons de -r, é basicamente semelhante a das vogais. São por eles classificadas como [+consonantal , +vocálico]. Assim as consideram Chomsky and Halle(1968), entre outros.

Por conseguinte, líquidas e vogais constituem uma só classe, seja como aproximantes, seja como vocálicas.

Evidências que dão suporte à hipótese de que o glide, no ditongo em pauta, é produto da expansão do traço vocálico da líquida, encontra-se i) na gramática do português, b) em variantes de outras línguas e iii) no processo de aquisição, como vemos em (3).

3 Evidências

3.1 Na gramática do português

A líquida lateral, que se realiza em português como lateral velar ou dorsal em posição pós-vocálica, tende a manifestar-se como glide posterior no português brasileiro, *lencɔw* por *lencɔt̪*, *mɛw* por *mɛt̪*. Todavia, diante de S-Plural, converte -se em glide coronal, em concordância com a coronalidade de /S/. Tal forma consagrada pela gramática do português é representada na escrita.

- (5) farɔl +{S} > [fa'ɾɔjs] (faróis)
mɛl+ {S} > ['mɛjs] (méis)
korɔnɛL+{S} > [korɔnɛjs] (coronéis)

Admitindo-se com Walsh(1995) que a lateral tem os traços dorsal e coronal, a explicação para esse fato torna-se natural: A lateral manifesta-se como glide dorsal quando substitui a lateral dorsal, mas manifesta-se como glide coronal diante do S-plural favorecida pelo traço coronal de ambos os elementos que a cercam. Isso em virtude de seu traço vocálico.

3.2 Variantes de líquida em outras línguas

A realização das líquidas /l, r/ como glide [-post] encontra-se em muitas línguas. Tomemos o exemplo de cibaeño, um dialeto do espanhol, fato registrado por Harris (1983, p.47):

(6) revolver = revolvei

carta = caita

papel = papei

algo = aigo

3.3 No processo de aquisição de linguagem é comum as líquidas se manifestarem como vogal alta, como mostram os dados de produção de uma criança de desenvolvimento normal, na idade 2 anos:

(7) Idade (2 anos e três meses)

[ku'jej] 'colher'

['maja] 'Mara'

['poj] 'por'

[pi'meju] 'primeiro'

Idade: 2 anos 4 meses e 17 dias)

[oja'já] 'olha lá'

[uma'maja] 'uma mala'

[ma'jeju] 'amarelo'

['koj] 'cor'

[si'guja] 'segura'

['eja] 'ela'

[vamu'ja] 'vamos lá'

['goja] 'agora'

['boja] 'bola'

['boja] 'cebola'

[ka'joj] 'calor'

Idade: 2 anos 6 meses e 19 dias)

['kaja] 'cara'

[ka'vaju] 'cavalo'

[mu'jɛj] 'mulher'

['vaja] 'vara'

['paja] 'para'

Fiquemos por aqui, embora a exemplificação pudesse ser ampliada. Portanto a produção infantil, a variação fonológica e a gramática oferecem evidência para a hipótese da presença de um traço vocálico nas líquidas que, interpretado como autosegmento, pode substituir a líquida ou expandir-se para criar o glide diante do tepe.

Ao finalizar este adendo ao artigo de (1994), retomemos a idéia central que conduziu estas linhas. Os ditongos decrescentes verdadeiros estão em correspondência com duas vogais no nível subjacente e são, de modo geral, invariáveis. O falso ditongo (ej/aj diante de /ʒ e ej diante de tepe) possui um glide epentético, sem representação na estrutura subjacente, o qual se forma na estrutura de superfície por expansão de um traço vocálico da consoante vizinha. Note-se que a distinção entre correspondência com duas vogais versus correspondência com uma só vogal, aqui em foco, é uma análise sincrônica, adequada ao português brasileiro de nosso dias, sem compromissos com a diacronia.

REFERÊNCIAS

- BISOL, L. Ditongos Derivados. *DELTA*,v.10 n. especial, 1994: 123-140
- JAKOBSON, R, FANT, G.and HALLE, M. *Preliminaries to Speech Analysis*.Cambridge:MIT Press,1952.
- CABREIRA, S. *A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado, PUCRS, 1996.
- CLEMENS,G.N.). The role of the sonority cycle in core syllabification. In: Kingston,J; Beckman,M.(org). *Papers in laboratory phonology I*. Cambridge; CUP,p.233-333,1990.
- CHOMSKY, N and HALLE M.*The Sound Pattern of English*. New York: Harper e Row,1968.
- HARRIS, J. *Syllable Structure and Stress in Spanish. A non linear analysis*. Cambridge Mass.: MIT Press, 1983.
- LADEFOGED, P. *A Course in Phonetics*. New York, Harcourt, Brace & Jovanovich, 1975.
- QUILIS, A,. *Fonética acústica de La Lengua Española*. Biblioteca Románica Hispânica. Editorial Cremos, Madrid, 1981.
- WALSH, L. Representing Laterals. In Beckman, J.N (ed) *Proceedings of the North-East Linguistics Society 25*,v.1.GLSA.Amherst MA,1995.